



Entrevista a Marina Mota

1. Como surgiu a sua paixão pelo Teatro de Revista? Sabemos que se estreou, em 1982, no Teatro ABC ao integrar o elenco da revista “Chá e Porradas”.

Não surgiu, isso é tudo mentira (risos). Isto é uma história muito longa, eu comecei no Teatro ABC, em 1982, e não tinha nenhuma paixão pelo teatro. Estreei-me para cantar, como atracção nacional, por tanto a minha carreira remonta a 1973, quando gravei o primeiro disco, e fui convidada para integrar o elenco da Revista em 1982, mas como atracção nacional. Mas nessa Revista os autores e empresários acharam que eu tinha “gracinha” e puseram-me a representar e eu comecei assim, não escolhi ser actriz. Eu costumo dizer que foi o teatro e a profissão que me escolheram, não fui eu que escolhi nada.

2. À excepção do Teatro Politeama e do Teatro Maria Vitória, existem outras salas que apresentem Teatro de Revista?

Deve haver. Principalmente os grupos de teatro amador recorrem muito ao teatro de Revista por ser um género popular. O Politeama, aliás, é a segunda Revista que faz, exceptuando o “Passa por mim no Rossio”, que remonta a 1988, não é um teatro com tradição de Revista nos últimos anos, porque não é um género que o Felipe La Faria costumava apresentar, ele é mais virado para os musicais e para outros géneros teatrais que não a Revista. Mas começou agora e acho que se apaixonou porque já fizemos a segunda e, pelos vistos, acho que vamos fazer a terceira. O Parque Mayer sim, esse era o berço e a catedral do Teatro de Revista e não era só o Teatro Maria Vitória, o Variedades e o Teatro ABC também. Tínhamos três a funcionar no mesmo espaço.

3. Como referiu, o Parque Mayer foi considerado a Catedral da Revista e também a Broadway de Lisboa. Nos seus tempos áureos, os quatro teatros do Parque tinham casa cheia noite após noite. Como é que encarou o encerramento do Teatro ABC, do Variedades e do Capitólio, a degradação, o abandono e a falta de investimento no Parque?

Bom, essa situação eu já conhecia quando me estreei, em 1982. Ou seja, já quando eu me estreei, com os três teatros a funcionar ainda na época, onde fazíamos dois espectáculos por dia e três ao Domingo e só tínhamos um dia de folga, à Segunda-Feira e foi por isso mesmo que eu me casei no dia 20 de Setembro de 1982, foi uma folga. Já nessa altura, em que nós conseguíamos esgotar as duas sessões diariamente, se falava na crise e na degradação do Parque. Ou seja, eu acho que o Parque Mayer, a determinada altura, foi o espelho da cidade: Lisboa estava degradada, o Parque Mayer estava degradado igualmente como a cidade. Agora, o que está a acontecer, ou o que passou a acontecer tardiamente, foi que morreram os empresários, os concessionários, dos teatros ABC e Variedades e só ficou o Hélder Costa a explorar o Teatro Maria Vitória. Sendo que o Teatro de Revista é o único género que não é, de facto, apoiado a nível governamental, talvez por ser o único verdadeiramente independente, uma vez que vivemos só do público, têm que gostar para nos vir ver, nenhum contribuinte paga impostos para o bem-estar dos actores do Teatro de Revista. Com o desaparecimento desses empresários, o facto de este ser um género caro e das companhias terem de ser grandes, pois são necessários bailarinos, é suposto ter uma grande montagem e um grande guarda-roupa e ainda a falta de investimento e a não existência de teatros a funcionar, é difícil manter este género, pelo menos nesses espaços. Como é que eu encaro isso? Encaro como tudo na minha vida, com uma grande resignação, sendo que tenho a certeza que o Teatro de Revista não vai morrer por causa disso. Ou seja, só não

está ali naquele espaço, no Parque Mayer, onde as pessoas conheciam bem, mas andamos por todos os lados.

4. Tendo em conta essa falta de apoios e subsídios do Estado, como sobrevive a Revista à Portuguesa?

Sobrevive, com muito mérito, do público, que é a única entidade que deveria manter o teatro vivo. Nós, actores, sobrevivemos porque o público gosta do género, porque nos vem ver, de outra forma seria impossível manter, por exemplo, esta companhia do Politeama, que somos, entre produção, auxiliares de sala, técnicos, bailarinos, cantores, actores, músicos, porteiros, auxiliares de camarim, quase 70 pessoas. Não tendo apoio, só é possível esgotando salas, como acontece neste espectáculo, quando o espectáculo é bom e o público gosta de ver. O facto de a Revista ser um produto maltratado, eu acho que nós andamos sempre muito à frente e vai acontecer como aconteceu com o Fado. Quando me estreei, o Fado era “chunga”, eu digo isso numa rábula, hoje é património, e acho que à Revista vai-lhe acontecer isso um dia, quando as pessoas não tiverem vergonha de assumir que é o único género verdadeiramente português, representado e escrito por portugueses.

5. E são também esses os motivos que a levam a continuar a participar em espetáculos de Revista?

Não são os únicos, há vários. Um dos motivos mais aliciantes que me leva a estar aqui é o facto de este ser o único género que abrange todos os outros. Quando se faz drama, só se faz drama, quando se faz uma comédia, só se faz uma comédia, quando se faz um concerto, só se canta. Na Revista, todos esses géneros são abrangidos, podemos fazer drama na Revista, alta comédia, farsa, caricaturar figuras, podemos fazer crítica social e política, sendo esta um dos objectivos, ou deveria ser, de quem escreve Revista. Pode-se ainda dançar e cantar. Por isso, género mais completo que este, não conheço.

6. Quem é o público da Revista à Portuguesa?

Marina Mota: Todos. Quantos anos tem?

Entrevistadora: 21

Marina Mota: Por que razão me veio entrevistar?

Entrevistadora: Porque a Marina é uma das mais conceituadas actrizes de Revista.

Marina Mota: E porquê que não foi entrevistar uma actriz de outro género teatral?

Entrevistadora: Porque o grupo considerou que a Revista à Portuguesa é um género muito importante para a cultura nacional.

Marina Mota: Pronto, está respondido. O Teatro de Revista não é de ninguém, é de todos. É um género que abrange todas as faixas etárias, temos aqui público dos sete até... o Manuel de Oliveira não veio, mas pessoas com quase a sua idade com certeza que sim. Eu já tive aqui um grupo de meninos de uma escola que se chama Banana Salgada e tinham todos entre os oito e os doze anos e sentaram-se todos na fila da frente. Isto quer dizer que, até nisso, este género é abrangente e muito diversificado.

7. Nesse sentido, acredita que os jovens também valorizam o Teatro de Revista?

Acredito, porque nós temos o privilégio de olhar para esta plateia de 700 lugares, de Quarta a Domingo, duas vezes ao Sábado, e nota-se quão diversificada é esta audiência. Os espectadores vêm de todo o lado, de todas as idades e de todos os estratos sociais, por isso é um género que, quando é bom, pode chegar a toda a gente.

8. Das nossas pesquisas, verificámos que existe uma pouca aposta em comunicação, especialmente na comunicação digital. Como é que justifica este facto?

Isso acontece porque, para já, como disse, é um género ainda muito maltratado. Há pessoas que estão em cargos de poder extremamente elitistas que consideram este um género menor. Não sei porquê, nunca tivemos a prazer de conversar, porque gostaria que me explicassem. E talvez seja só essa a razão, sempre

houve uma grande má vontade sobre o género e para o género, por parte dos actores do género, nomeadamente. Mas tal como disse, assemelho muito a Revista ao Fado e, com o seu tempo, veremos que nós tínhamos razão.

9. Indique três bons motivos para levar os jovens à Revista.

Primeiro, é muito mais agradável vir à Revista do que ver televisão, principalmente com as grelhas que temos hoje é muito mais interessante vir aqui. Depois, por todas as razões que eu já disse, é um género que vos vai fazer rir de certeza absoluta, mas ao mesmo tempo também vos vai chamar à atenção para algumas coisas em Portugal e no mundo que são importantes criticar e alertar para aquilo que está certo ou errado. Para além disso, é um espectáculo muito atraente visualmente e depois porque nós somos muito simpáticos. E já disse mais de três motivos!